

## CANTIGAS DE BEBIDA

## Quando eu for prá Cadeia

ARARAQUARA (S. Paulo).

$\text{♩} = 116.$

Não que-ro que ninguem me pren-da-rá-rá De-bai-xo do meu pi-fão! Não

fão Quan-do eu for Pa-ra a ca-dei-a Que-ro le-var Meu gar-ra-fão!

## Chula da Cachaça

AMAZONIA.

$\text{♩} = 88.$

O meu con-sô-lo é vi-ver ne esta a-le-gria Cambale-an-do, ven-do a Lua em pleno

dia; O meu con-sô-lo é vi-ver sempre na a-gua, Po-rêm meu pei-to não conhece o que é magua!

*I.*  
 O meu consôlo é viver nesta alegria  
 Cambaleando, vendo a Lua em pleno dia;  
 O meu consôlo é viver sempre na água,  
 Porém meu peito não conhece o que é magua!

*II.*  
 Os taberneiros já não podem vender mais.  
 Depois das sete não posso tomar meus gais  
 Mas sou um cabra que não perco a minha linha,  
 Trago no bolso sempre a minha garrafinha.

*III.*  
 Quando eu passo um só momento sem beber  
 Fico maluco, penso até que vou morrer,  
 Mas dos paus-daguas sou o rei, sou coroadado  
 E na tendinha sou freguês considerado.

*IV.*  
 Quando eu morrer quero em minha sepultura  
 Uma das pipas das maiores, sem mistura;  
 O encanamento que me venha até a boca  
 Em pouco tempo deixarei a pipa oca.

*V.*  
 Ninguém repare, êste é meu natural,  
 Ninguém repare, êste é o meu moral,  
 Ninguém repare eu andar cambaleando,  
 Adeus adeus que já são horas, vou chegando!

Escutada no rio Madeira, de gente que sabia ler, se percebe logo. É vulgar, porém espessa bem, texto e musica, esta malinconia paciente, meio ironica do nosso povo.